
**POÉTICA E ESPAÇO:
DOS JORNAIS ÀS TELAS (MACHADO DE ASSIS)**

Poetic and space:
from newspapers to screens (Machado de Assis)

Lúcia Granja¹

RESUMO: A flexibilidade do *bas de page* dos jornais do XIX tornou possível a coexistência de textos de diferentes naturezas naquele espaço. Esses textos, alternando-se ou coabitando a parte inferior da primeira página dos jornais, foram alvo de adaptações, que hoje são pensadas como avatares de formas e estilos literários, os quais identificamos como próprios à Literatura Brasileira e a Machado de Assis, seu principal escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, avatar, jornal, rodapé (*bas de page*), estilo.

ABSTRACT: The flexibility of the *bas de page* in the nineteenth newspapers made possible the coexistence of different nature texts, which alternated or cohabitated themselves at the bottom of the first page of the newspapers. In this context, Brazilian adaptations operated in that space are thought, in this text, as avatars of literary forms and styles that one can identify today as original in the Brazilian Literature and Machado de Assis works.

KEYWORDS: Machado de Assis, avatar, newspaper, bas de page, style.

1- DOS JORNAIS ÀS TELAS

O jornal, mídia que rebentou em novidade e circulação a partir das primeiras décadas dos anos 1800, produziu incomensuráveis alterações nos fenômenos ligados às conexões e às práticas de leitura e escrita dentro do

¹ Docente do IBILCE/UNESP; bolsista de produtividade e pesquisa do CNPq; pesquisadora apoiada pela FAPESP.

mundo ocidental. Essa revolução é comparável, em termos de comunicação mundial e de novidade poética ligada a um suporte, àquela que a internet vem produzindo há algumas décadas. Então, quando analisamos formas das *páginas* da rede mundial de computadores, vemos que, como o próprio nome anuncia, elas ainda se baseiam fortemente naquelas outras páginas de papel, especialmente nas que foram cunhadas no início da “era midiática”,² inaugurada pelos jornais do XIX.

Neste texto, para discutir os avatares do folhetim, olhamos retrospectivamente para imprensa como sistema midiático no século XIX, pensando que os jornais da época, em termos de escrita, podem ser considerados como um universo literário e ficcional dinâmico, em constante transformação, enquanto que, em termos de leitura, passaram a ser lidos, entre outras novidades, considerando-se a forma do hipertexto. Como exemplos, tomamos trechos da obra daquele que consideramos o modelo de escritor-jornalista do século XIX: Machado de Assis.

Invertendo a ordem das proposições acima, retomamos aqui, primeiramente, a ideia relativa à leitura. Não é novo afirmar-se que a hiperleitura antecede em séculos o advento da internet. Lemos em Chartier, por exemplo, que as marginálias dos livros impressos atestam formas de leitura não linear de um texto, pois “constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos”, prática que, em épocas passadas, como nos informa o historiador, inspirara até mesmo o hábito de os editores indicarem aos leitores, particularmente em alguns tipos de textos literários, “as *sententiae* que deverão copiar” em seus cadernos de lugares-comuns (CHARTIER, 2002, p. 94). Dando sequência a essa discussão, em nosso argumento, ressaltamos que, nas marginálias de um texto escrito/impresso no suporte papel, configura-se, na releitura desse texto, uma operação pela qual os sentidos passam a ser construídos por meio de um ato de remontagem. Então, embora o suporte eletrônico introduza mudanças nas categorias intelectuais e dispositivos técnicos que permitem distinguir, classificar e hierarquizar discursos (CHARTIER, 2002, p. 107-8), a remissão física de um texto a outro *durante* o ato de leitura, longe de ser consequência exclusiva

² A expressão “era midiática” foi cunhada por Marie-Ève Thérénty e Alain Vaillant para definir uma transformação profunda que se teria iniciado a partir de 1836, com a expansão comercial do jornal *La Presse*, na França. Segundo os organizadores do volume *1836, l’an I de l’ère médiathique* (2001), Émile de Girardin, o proprietário do jornal mencionado, mudou a paisagem jornalística o lançar seu periódico, reinventando a economia dessa media e definindo os novos rumos da escrita jornalística, por meio de inovações como a introdução do romance-folhetim como forma, entre outras, a de aumentar as vendas da publicação diária.

dos *hiperlinks* das páginas da internet, pode ser considerada consequência da própria leitura, desde que, a partir da forma do códex, passou a ser possível uma melhor manipulação do suporte da escrita, ou, ainda, ler silenciosamente, ler e escrever simultaneamente, entre outros.

Da marginalia dos livros antigos às páginas da internet, nossa proposta é a de que o jornal ajudou a configurar, — em vários níveis, entre eles, plasticamente, — a revolução da hiperleitura digital que, hoje em dia, nos é apresentada como fenômeno da revolução tecnológica da internet. Naquelas páginas de papel, os títulos em destaque, por exemplo, começaram a chamar a atenção para os textos que desenvolviam os conteúdos que eles anunciavam; o espaço da página fragmentou-se e passou a ser desenhado e delimitado por traços; os anúncios serviam de suporte financeiro à veiculação dos conteúdos, agrupados nas “janelas” da última página do impresso (“a página de anúncios”), cada vez mais bem definidos pelos traços e desenhos, de acordo com a evolução das técnicas de impressão; finalmente, pensando na remissão de um texto a outro por meio de um *hiperlink*, os textos passaram a ser compreendidos diferentemente, segundo a remontagem operada naquela *rede* que se constituía a partir das interconexões possíveis e daquele novo sistema midiático e textual.

No capítulo das remissões, elas são um exemplo bastante simples da matriz de chumbo, tinta e papel que serviu de molde às formas da internet. Nos periódicos do XIX, as hiperligações entre textos acontecem frequentemente no corpo das notícias de um jornal em específico, que se refere a outros jornais e periódicos. Cada um dos exemplares de cada jornal quotidiano do XIX, e mesmo das revistas, guarda milhares de exemplos desse fato, mas selecionamos, para análise da questão, uma alusão feita na crônica que Machado de Assis publicou no jornal *O Cruzeiro*, em 7 de julho de 1878:

Não há patinação, não há corridas de cavalos, não há nada que nestes dias possa dominar o sucesso máximo, o sujeito que em Caravelas, na Bahia, deu à luz uma criança. Quando eu era pequeno, ouvia dizer que o galo, chegando à velhice, punha ovos, como as galinhas; não o averigüei mais tarde, mas já agora devo crer que o conto não era da carocha, senão pura e real verdade.

O sujeito de Caravelas é um quadragenário, que tinha cor de icterícia, e padecia há muito uma forte opressão no peito. Ultimamente, di-lo o médico, sentiu uma dor agudíssima na

região precordial, movimentos desordenados do coração, dispneia, forte edemacia em todo o lado esquerdo. Entrou em uso de remédios, até que, com geral surpresa, trouxe a este vale de lágrimas uma criança, que não era exatamente uma criança, porque eram as tíbias, as omoplatas, as costelas, os fêmures, trechos soltos da infeliz criatura, que não chegou a viver (MACHADO DE ASSIS, 2008 a, p 145).

Como vemos, o cronista Machado de Assis comenta, em sua publicação dominical para o jornal *O Cruzeiro*, um caso bizarro: notícia algo exagerada, cujo conteúdo desperta alguma repugnância, além de parecer inadequada à seção do jornal onde fora publicada como sendo um fato extraordinário, embora cientificamente explicável (no *Jornal do Commercio*, “Gazetilha”, 1 de julho, p. 2, col. 2). A presença de tal tema em uma das crônicas machadianas nos chama a atenção por, no mínimo, dois motivos: a frequência com que o cronista traz à luz do comentário dominical das “Notas Semanais” tudo o que é grotesco (acontecimentos, espetáculos, notícias, entre outros); a familiaridade com que, nesse trecho dessa crônica em específico, o autor se refere a tal assunto. Embora já tenhamos tratado do primeiro interesse acima mencionado (GLEDSON; GRANJA, 2008, p 13-85), neste texto, voltamos ao assunto para investigar o segundo caso, o qual, da forma como entra na crônica, por sua quase impossibilidade, e pela falta de explicações mais detalhadas do narrador-cronista, parece não fazer sentido imediato para o leitor que acompanhava a série dentro de *O Cruzeiro*. A notícia do sujeito de Caravelas não circulou nas páginas do jornal *O Cruzeiro*, mas o cronista menciona-a e comenta-a com grande e quase exagerada familiaridade, à qual já aludimos. Nesse sentido, supondo um público habituado à leitura de diversos jornais ao mesmo tempo, fato comum no XIX, vemos que o narrador machadiano está, na verdade, remetendo seus leitores à notícia que a “Gazetilha” do *Jornal do Comércio* publicara, usando como fonte o *Monitor*, folha da Bahia. No texto em questão, que vemos na imagem abaixo, fica clara a referência explícita de um jornal a outro:

Facto extraordinario.— De uma carta de um illustre medico, dirigida a amigo nosso, diz o *Monitor*, folha da Bahia, extractamos o seguinte trecho em relação a um facto singular que observou em sua clinica, na cidade de Caravelas desta provincia, e que muito póde interessar, aos homens da sciencia:

« F..., que V. deve conhecer, é um homem de 40 annos, e que nunca teve saúde. Além daquelle fistula no nariz, tinha conscientemente dores atrozes sobre o peito e uma cor quasi ictérica. Ultimamente foi para a cama sentindo uma dor agudissima na região precordial, movimentos desordenados do coração, dyspnea forte, edemacia em todo o lado esquerdo.

« Nestas condições chamaram-me; fui vê-lo e voltei persuadido de que se tratava de uma moléstia organica do coração, que se approximava ao seu termo. Appliquei varios calmantes, de-ladeira, digitalina; nada conseguiu.

« Havia constipação rebelde de ventre; ordenei um purgante.

« Quando as dejectões commecirão, virão dizer-me que o homem não tardava a morrer, pois que já estava deitando pedaços. Mandei que guardassem as materias fecaes para examinar.

« De facto guardei-as; e quando fui vê-las, notei que havia muitos corpos solidos; disse a familia que os extrahisse d'alli, que os lavasse e me dásse.

« Assim ella fez e eu reconbeci uma ossada de um fémur.

« Um fémur está perfeito, outro partido.

« O perfeito tem uma polegada e algumas linhas. As tibias, os humerus em perfeito estado. Os omoplatas—completos e as costellas, que vierão dous dias depois, estão quasi todas perdidas. Duas vertebbras lombares e uma cervical no melhor estado possible. Além destes, muitos pedaços de ossos, que pelo estado não se podem reconhecer.

« E' de presumir que se perdessem alguns quando mandámo fazer a limpeza das primeiras dejectões.

« A dor aguda do peito allivion. O doente parece mais animado; e se tem que o seu estado seja gravissimo, já me pareceo melhor.

« Que lhe parece? Não é um facto extraordinario, embora tenha sua explicação na sciencia? »

Fig. 1: *Jornal do Commercio*, “Gazetilha”, 1 de julho, p. 2, col. 2

Transcrevemos, atualizando a ortografia, um trecho da notícia:

Fato Extraordinário — De uma carta de um illustre médico, dirigida a amigo nosso, diz o *Monitor*, folha da Bahia, extratamos o seguinte trecho, em relação a um fato singular que observou em sua clínica na cidade de Caravelas desta província, e que muito pode interessar aos homens da ciência:

F..., que V. deve conhecer, é um homem de 40 anos, e que nunca teve saúde. Além daquela fistula no nariz, tinha conscientemente dores atrozes sobre o peito e uma cor quase ictérica. Ultimamente foi para a cama sentindo uma dor agudíssima na região precordial, movimentos desordenados do coração, dispneia forte, edemacia em todo o lado esquerdo.

Nestas condições chamaram-me; fui vê-lo e voltei persuadido que se tratava de uma moléstia orgânica no

coração, que se aproximava seu termo. Apliquei vários calmantes, dedaleira, digitalina, nada consegui

Havia constipação do ventre; ordenei um purgante.

Quando as dejeções começaram, vieram me dizer que o homem não tardava a morrer, pois que já estava deitando pedaços. Mandeí que guardassem as matérias fecais para examinar.

De fato guardaram; e quando fui vê-las, notei que havia muitos corpos sólidos; disse à família que os extraísse dali, que os lavasse e me desse.

Assim ela fez e eu reconheci a ossada de um feto.(...)

(*Jornal do Commercio*, “Gazetilha”, 1o de julho, p. 2, col. 2).

Como vemos, a ironia e os comentários críticos que Machado de Assis elabora na crônica erigem-se sobre a leitura do texto jornalístico acima, a partir da inverossimilhança do caso, além da associação entre “Ciência” e grotesco, conúbio emoldurado pela desqualificação que uma informação quase descabida poderia trazer à imprensa, quando publicada como notícia. Voltando ao leitor do jornal, para recuperar todos esses sentidos, ele precisaria refazer a trajetória longa de ligações e relações, conforme a reconstruímos: lendo a crônica, buscaria a notícia à qual se alude (é preciso que nos lembremos, nesse caso, que os jornais não eram objetos tão efêmeros no XIX e que as suas quatro páginas permaneciam para leitura e releitura durante dias, sendo que o folhetim era mesmo, comumente, recortado e colecionado); a partir daí, o leitor do XIX, se voltasse ao *Jornal do Commercio* e encontrasse a notícia, teria o “hiperlink” para sua fonte primeira na imprensa, o *Monitor*, folha da Bahia. Nos jornais, aludiam-se e citavam-se outros periódicos, o que mostra em que medida existia uma conexão, entre eles, uma conexão em rede, na qual se inscrevia o escritor-jornalista e leitor, sendo que, para esse último, de sua capacidade de remontar as alusões e remissões, pela memória ou releitura dos periódicos, dependiam os efeitos de leitura alcançados.

Vemos, dessa forma, que o conceito de *página*, como um *espaço* que, em sua nova *configuração poética*, abriga um grupo de textos relativamente *relacionados*, dentro dos quais existem *remissões* a novas *páginas* ou textos, estava já quase completamente configurado a partir da experiência midiática do jornal no século XIX. Tal proposição alinha-se ao pensamento de Thérénty, uma das maiores pesquisadoras da relação entre

imprensa e literatura da atualidade, quando ela demonstra a interpenetração das matrizes literária e midiática na “invenção” dos jornais do XIX. No novo suporte midiático, a pesquisadora identifica a circulação entre as variadas rubricas de um periódico, as quais, ao mesmo tempo, com a expansão dos jornais, se vinham estruturando sobre a matriz midiática, por meio do empréstimo das características entre formas e gêneros textuais antigos e novos (os jornalísticos, em estruturação), literários e não literários etc. Segundo a autora, a “rubricagem” dos jornais cotidianos do XIX inventou “um sistema complexo e um pouco disparate de ordenação do mundo, com uma tipologia que fala tanto do mundo quanto da escritura que diz o mundo” (THÉRENTY, 2007, p. 78). O jornal teria proposto, nessas condições, uma escritura fragmentada que se alinhava à sensibilidade moderna: “os fragmentos compõem o todo textual que corresponde a uma percepção generalizável do século” (THÉRENTY M-E, 2007, p. 79, tradução nossa). Ressalta-se daí o fato de que, segundo a autora, a escrita que diz o mundo passou a existir como parte de uma *Poética*.

Na esteira, então, da *Poética* dos jornais quotidianos, mas também dos autores ligados à História do Livro, percebemos, analisando de perto a imprensa do XIX e, em específico, os textos literários saídos na imprensa, que eles podem ser lidos com alguma novidade se considerarmos a sua relação com os fenômenos midiáticos e com a materialidade do suporte. Adaptando o que Roger Chartier enunciou ao pensar no códex, acreditamos que, no XIX, uma vez estabelecido o domínio do jornal, “os autores integraram a lógica de sua materialidade na própria construção de suas obras” (CHARTIER, 2002, p. 108).

Voltando, dessa maneira, à primeira proposição que fizemos neste texto — a de que, em termos de escrita, o jornal pode ser considerado como um universo literário e ficcional dinâmico e em constante transformação, — olhamos, mais especificamente, para o “box” literário e ficcional do jornal (o rodapé das folhas), *espaço* no qual cabia a crônica, a ficção e a crítica (literária ou de espetáculos), e no qual se criou a coexistência de textos de diferentes natureza, os quais, ao se alternarem nos dias da semana, passaram a constituir, nessa coabitação, novas formas e gêneros textuais (GRANJA, 2010). A partir daí, temos procurado compreender de que maneira as adaptações brasileiras operadas nesse *espaço literário* devem ser pensadas como uma das principais razões para o desenvolvimento de formas e estilos

literários que identificamos hoje como próprios à Literatura Brasileira;³ ao mesmo tempo, a compreensão dessa *Poética* dos jornais no XIX equivale a uma visão mais aprofundada dos textos dos escritores-jornalistas de então.

2- POÉTICA E ESPAÇO: MACHADO DE ASSIS.

A partir de agora, Machado de Assis, cuja obra publicada nos jornais motivou a reflexão da qual partimos, bem como grande parte das considerações acima, vem em nossa ajuda. Como mostra a sua longa colaboração com jornais e revistas, a fixação aos periódicos como lugar primeiro de circulação da literatura machadiana tornou-se um dos seus principais caminhos de novidade literária. Para apreendê-la, temos procurado alguns caminhos, dois dos quais exporemos a seguir.

O primeiro deles traz um desdobramento de algumas análises antes empreendidas a respeito da relação entre o jornalismo e a literatura machadiana (GRANJA, 2000), passando, agora, para além do reconhecimento das afinidades surpreendentes entre o texto jornalístico e o texto literário machadianos (mesmo os da “maturidade”), mas, sobretudo, buscando uma resposta cada vez mais completa à seguinte questão: como explicar que, de um momento a outro, o romancista tenha ido buscar o conhecimento literário do jovem cronista? Parece-nos que a associação radical de Machado de Assis à figura do escritor-jornalista, o que pressupõe o entendimento de que o jornal/os periódicos se constituíam no mencionado *universo textual* no qual os textos se comunicam de uma maneira constante e contínua, é um dos caminhos para a compreensão da relação entre jornalismo e novidade literária no XIX.

Em relação à citação literária, analisando o seu uso frequente na crônica, vemos que os *efeitos plásticos* dos textos no espaço do folhetim *acentuam o caráter polêmico da citação* (GRANJA, 2012 b). Isso quer dizer que já a visualização da página do jornal permitia ao leitor a tomada de consciência sobre o conteúdo crítico do texto, mesmo antes de sua leitura, o que nos mostra o quão estruturadora uma citação podia ser para a crítica do

³ Esse é um dos assuntos que compõe a livre — docência que estou preparando e que pretendo apresentar à UNESP. Tenho publicado sobre ele alguns textos (Granja, 2010; Granja 2012 e Granja 2012b). O objetivo geral dessa reflexão, na qual se inclui a que faço neste texto sobre os avatares do folhetim, é o de auferir daí uma melhor compreensão da relação entre a publicação da Literatura nos jornais do XIX e as formas e estilos literários que hoje em dia propomos como próprios à Literatura Brasileira. Agradeço ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa.

folhetim. Como vemos, no jargão jornalístico daquilo que se conhece hoje em dia como “olho”, a citação constitui-se com um texto que é arranjado tipograficamente de forma mais arejada, encaixado que está no bloco pesado da coluna, o que chama a atenção sobre ela. É o que vemos a seguir:

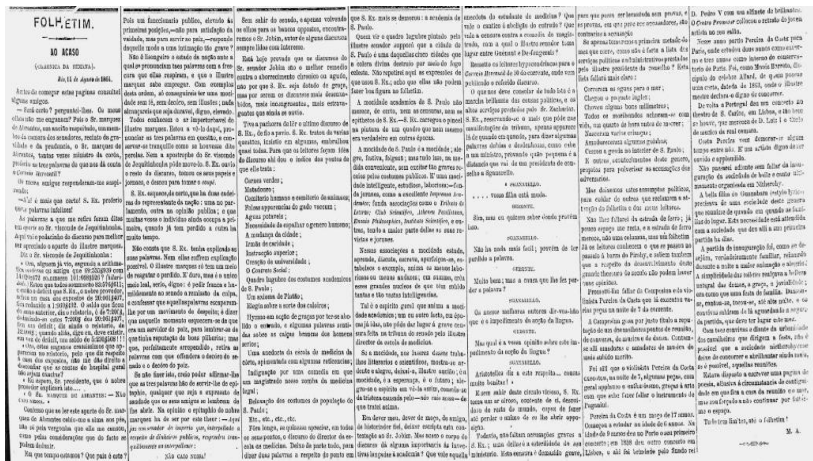


Fig. 2: “Ao Acaso”, de Machado de Assis. *Diário do Rio de Janeiro*, “Folhetim”, 14 de agosto de 1864, p. 1, cols., 1-7, rodapé.

Na crônica de 14 de agosto, os comentários críticos do narrador machadiano estarão voltados à prática política parlamentar, centrados na habilidade de elocução dos políticos da época. Ela assim se inicia:

Antes de começar estas páginas consulte alguns amigos.

- Será certo? perguntou-lhes. Os meus olhos não me enganam? Pois o Sr. Marquês de Abrantes, um membro da câmara dos senadores, recinto da gravidade e da prudência, Sr. marquês de Abrantes, tantas vezes ministro da coroa, proferiu as três palavras de que nos dá conta o *Correio Mercantil*?

(Machado de Assis, “Ao Acaso”, *Diário do Rio de Janeiro*, 14 de agosto de 1864, p. 1, cols., 1-7, rodapé).

No correr do texto machadiano, veremos que o Marquês de Abrantes proferira na sessão a frase “Não caio nessa”, posteriormente transcrita e publicada, pelo *Correio Mercantil*, junto a esse seu discurso no

parlamento. O que interessa para o nosso argumento, porém, é observar que a quinta coluna da crônica em questão traz uma citação do *Le Medicin Malgré Lui*, de Molière, que informa ao leitor, já visualmente, qual seria o tom dos comentários do cronista a respeito do rumo das coisas políticas e dos debates no Senado Imperial: o do presente como comédia (Granja, 2000, p. 72-90; 102).

O que vem anos consolar de tudo isto, é a marcha brilhante das cousas políticas, e os altos serviços prestados pelo Sr. Zacarias. S. Excia, reservando-se o mais que pode nas manifestações da tribuna, apenas aparece lá de quando em quando, para dizer algumas palavras dúbias e desdenhosas, como cabe a um ministro, provando quão pequena é a distância que vai de um presidente de conselho a Sganarello.

SGANARELLO

...vossa filha está muda

GERONTE

Sim, mas eu quisera saber d'onde provém isso

SGANARELLO

Não há nada mais fácil; provém de ter perdido

a palavra

GERONTE

Muito bem, mas a causa que lhe fez perder a

palavra?

SGANARELLO

Os nossos melhores autores dir-vos-ão que é impedimento da ação da língua

GERONTE

Mas qual vossa opinião sobre esse impedimento da ação da língua?

SGANARELLO

Aristóteles diz a esse respeito...coisas muito bonitas!

(Machado de Assis, *Idem ibidem*).

Ao citar o trecho da comédia de Molière, em que Geronte e Sganarelle discutem a mudez de Lucinde, o narrador traz para o mundo da crônica toda uma série de referências irônicas deflagradas pelo contexto

primeiro da ocorrência da citação. Mas o leitor, que conhece bem Molière, atraído pelo texto tipograficamente destacado, ao passar os olhos pela quinta coluna do rodapé/crônica, já identifica o efeito crítico de toda a parte política crônica, mesmo antes de lê-la, portanto.

A partir de agora, o salto é mostrar que *esse mesmo efeito de intensificação promovido pelo “olho” da citação no jornal*, nós encontraremos depois nos procedimentos da ficção e nos desabusos do célebre romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Passamos, assim, à segunda maneira de analisar os suportes periódicos como lugar primeiro de circulação da literatura machadiana e, de que maneira, essa fixação do escritor ao jornalismo tornou-se invenção para a sua literatura: a análise da relação entre os textos publicados nas páginas dos periódicos, quer em termos plásticos quer relacionais, considerando os outros textos do mesmo suporte/veículo.

Para esta discussão sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no entanto, interessa-nos, sobretudo, o uso retórico dos capítulos. Um deles, o nono, quer no romance ou em livro, sempre nos chamou a atenção:

Capítulo IX — Transição

E vejam agora com que destreza, com que arte, faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília, Virgília foi o meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. (...) (MACHADO DE ASSIS, 2008 b, vol. II, p 637).

Aparentemente, o narrador usa aqui um método dedutivo. No entanto, como veremos, isso está montado em uma estrutura argumentativa enganosa. Na análise do romance, esse capítulo funciona como um daqueles bastante digressivos, quase incompreensíveis, por meio dos quais o narrador expõe, por exemplo, na análise de Roberto Schwarz, com prejuízo de sua própria imagem e a de seu personagem, a sua superioridade em relação ao leitor (SCHWARZ, 1990). Considerando a forma “livro”, estamos diante de um capítulo nomeado “Transição”, em que o narrador acentua a ironia porque chama a atenção, metalinguisticamente, para o fato de estar fazendo uma transição em sua narrativa. Retoricamente, a lógica que se usa nesse trecho brinca com a naturalidade das relações temporais e linguísticas. Nesse caso, o narrador cria uma estrutura retórica pendular por meio da anadiplose:

- 1- O meu delírio começou em presença de Virgília,
- 2- Virgília foi o meu grão pecado da juventude;
- 3- Não há juventude sem meninice;
- 4- Meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci.

Ou seja:

- 1- Delírio (...) Virgília
- 2- Virgília (...) juventude
- 3- juventude (...) meninice
- 4- meninice (...) nascimento

Para nosso argumento, é preciso ressaltar que a morte de Brás Cubas não se liga ao seu nascimento pela eleição que ele faz de acontecimentos e períodos de sua vida, montados em estrutura retórica de anadiplose. O narrador do romance conta a sua história, organizando os trechos dela ao seu bel-prazer, atitude comum à *media* jornal e ao narrador-cronista machadiano desde há muitos anos, como veremos. O efeito produzido pela construção da coesão textual no trecho citado do romance de 1880, como acontecera em uma crônica de 1864, é dissimulação retórica, já que nada se liga naturalmente a nada. Na crônica em questão, dezesseis anos anterior ao romance, observamos a criação de uma outra estratégia de falsa retórica para a construção da coesão do texto. Querendo unir dois assuntos, em meio à variedade dos comentários que tinha a fazer sobre a semana encerrada, o narrador nos diz:

Nada mais natural do que passar de uma casa de livros a uma casa de óculos. É com os óculos que muita gente lê os livros. Se se acrescentar que muita gente lê os livros sem óculos, mas que precisa deles para ver ao longe, e finalmente uma classe de homens que vê perfeitamente ao longe e ao perto, mas que julga de rigor forrar os olhos com vidros, como forra as mãos com luvas, ter-se-á definido a importância de uma casa de óculos e a razão por que ela pode entrar no folhetim (MACHADO DE ASSIS, *Ao Acaso, Diário do Rio de Janeiro*, 20 de junho de 1864.)

Entre os vários assuntos do dia, o narrador-cronista comenta a edição que a casa Garnier preparara para *O Demônio Familiar*, de José de Alencar. Próximo assunto, uma casa de óculos. O trecho acima opera, justamente, a transição, mas a naturalidade alegada para essa transição entre os dois tópicos da crônica é apenas estratégia retórica. Utilizando-se de uma lógica falsa, o narrador constrói um sofisma. Aparentemente, ele argumenta por meio de um silogismo, “embutindo” em sua narrativa duas premissas e uma conclusão:

1- Muita gente lê os livros com os óculos

2- Então, ao se falar de livros, é natural falar em óculos.

Conclusão - D’onde se conclui que é natural o narrador da crônica transitar entre os dois assuntos: da publicação de um livro para uma casa de óculos.

No entanto, a relação de generalidade/particularização que deveria haver entre a primeira premissa, desmembrada na segunda premissa e na retomada lógica da conclusão, é falsa. Ao montar o argumento, o seu autor faz acréscimos que preenchem a forma lógica com relações que não são lógicas. A quebra da convenção faz rir com certeza, mas, ao mesmo tempo, nos joga no centro da retomada dos procedimentos da *Poética* do jornal, agora intensificados como assunto da narrativa.

Assim como a casa de livros não tem relação natural com a casa de óculos, a morte de Brás Cubas não se liga naturalmente ao seu nascimento por meio dos fatos particulares que ele elege para fazer essa ligação. Em ambos os casos, o particular aparentado geral pelo uso da retórica está a serviço dos efeitos que o narrador pretende criar. Para além da estratégia narrativa, os dois narradores são provocativos e encetam uma atitude que exigirá de seu leitor participação ativa na construção de significados, no momento da leitura. Uma outra relação evidente entre os narradores é a de que ambos precisam transitar entre assuntos, pois sua escrita a partir de fragmentos exige mecanismos para isso. No romance, porém, algo que na crônica ficara mais imerso nas entrelinhas do discurso vem à tona: o narrador chama a atenção do leitor para a sua “grande habilidade narrativa” na arte de fazer transições e opera com aquele efeito de intensificação que a plasticidade da citação promove na crônica.

Assim, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o que aparece como novidade literária e ajudou a fazer a história do romance é transposição

de uma manobra retórica da crônica jornalística, altamente necessária naquela forma devido a uma característica textual e, ao mesmo tempo, plástica, da crônica: a necessidade de transitar entre os assuntos, os mais variados possíveis, que vinham, em geral, trabalhados em “partes” graficamente separadas dentro do texto, mas formando, a partir de fragmentos que guardam o traço indelével da disjunção, a noção do conjunto. E não seria essa, aliás, uma das grandes artes de Brás Cubas, autor e de Machado de Assis, escritor? No rejunte que une esses cacos de fina cerâmica, que os narradores machadianos pigmentam com cores contrastantes, está arte literária propiciada pela matriz jornalística. O vaivém constante entre parte e todo é a estratégia de ordenação da narrativa no romance inovador, na crônica e no próprio jornal. A literatura imita, assim, aquele “sistema complexo e um pouco disparate de ordenação do mundo” (THÉRENTY, 2007, p. 78), que nos fala da coisa em si, mas também de sua escrita.

3 - CONCLUSÃO

Temos investigado, assim, até que ponto, e de que maneira, se deram as transferências entre: por um lado, a plasticidade possibilitada pelo uso do espaço da página dos jornais e a reinterpretação do diálogo entre a literatura e o seu novo suporte de acolhimento, de natureza midiática; por outro lado, a criação de uma ficção por meio da qual talvez Machado de Assis se sentisse, finalmente, “homem de seu tempo e de seu país”, em sua tão conhecida fórmula. Com a crônica desse Machado de Assis, aprendemos coisas muito concretas sobre as possíveis formas de leitura e escrita inscritas nos textos do bruxo. Se os seus olhos se gastavam diariamente na leitura de diversas folhas, a sua pena *inventava*, dentro do universo textual mosaical em que se movia habilmente, ou seja, dentro daqueles inúmeros textos e colunas dos jornais e revistas com os quais colaborou à sua época. A seguir, em sua criação literária, ele passou a incorporar a própria circularidade entre as formas literárias e jornalísticas e parece-nos que essa é uma das chaves para a compreensão de um estilo que se reinventou praticamente a cada novo texto de ficção saído nos periódicos.

Aí estão os avatares: da ordenação midiática do mundo, tal e qual ela foi praticada nos jornais do XIX, criamos a “novidade” das páginas da internet; dos procedimentos formais dos textos publicados nos jornais, criou a originalidade literária aquele que viria a ser considerado original e genial no maior escritor brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. *L'Ordre des livres. Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIVe et XVIIIe siècle*. Aix-en-Provence: Alinéa, 1992.
Tradução brasileira: A Ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary del Priore. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.
- GLEDSON, John e GRANJA, Lúcia. Introdução. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Notas Semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, pp. 13-85.
- GRANJA, L. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema* (UESB), ano VII, vol. IX, pp.147-158, 2012. (a)
- _____. Ratos, pássaros ou morcegos? Machado de Assis, Théophile Gautier e um repertório de citações. In: *Machado de Assis e o outro: diálogos possíveis*. Organização de Hélio de Seixas Guimarães e Marta de Senna. Rio de Janeiro : Móbile Editorial, 2012, pp. 93-108. (b)
- _____. Folhetins d'aquém e d'além mar: a formação da crônica no Brasil. In: *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. Orgnaização de Sérgio vicente Motta e Susanna Busato. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2010, p. 112-132. Acesso em http://www.culturacademica.com.br/downloads/%7BB563025E-47F1-49B4-9C97-F243FBFFB47A%7D_Figuracoes_contemporaneas_do_espaco_na_literatura-digital.pdf
- _____. *Antes do livro, o jornal: "Conto Alexandrino"*. Luso-Brazilian Review, v.46, p.106 - 114, 2009.
- _____. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas; São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2000.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Notas Semanais. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. (a)

_____. *Obra completa em quatro volumes*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008. (b)

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas cidades, 1990.

THÉRENTY, Marie-Eve, *La Littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*, Paris, Seuil, 2007.

THÉRENTY, Marie-Eve; VAILLANT, Alain. *L'An I de l'ère médiatique*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2001.

Periódicos consultados (Fonte: imagens adquiridas junto à Biblioteca Nacional com verba do Projeto Temático “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”):

Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, agosto de 1864.

O Cruzeiro. Rio de Janeiro, junho a setembro de 1878.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, julho de 1878.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.